



# RUBEM AZEVEDO LIMA

## O fracasso relativo

*Cardoso, Fernando Henrique*

**P**or muito pouco o presidente Fernando Henrique Cardoso não ocupou a pasta das Relações Exteriores no governo Collor, um tempo também de pirotecias políticas nacionais e internacionais. Acreditava-se, então, que FHC se daria bem nos foros diplomáticos, dada a facilidade com que troca idéias e faz pilhérias em dois ou três idiomas.

No governo Itamar Franco ele atuou satisfatoriamente no Itamaraty, mas quase não pôde brilhar, porque logo deixou esse ministério — no qual se sentia um peixe n'água — transferido que fora para o da Fazenda. Curioso é o destino. FHC daria tudo para não mudar de posto, pois tinha tanta ojeriza pelos negócios fazendários quanto atração pelas lantejoulas da diplomacia, desde o convite de Collor, que o tucano Mário Covas não lhe permitiu aceitar.

Foi na Fazenda, porém, que FHC se projetou, quando Itamar baixou o Plano Real, consagrando politicamente esse ministério. A opinião que muitos têm do atual presidente é que ele — sem o carisma popular e sem as qualidades que forjam os grandes líderes — seria bem-sucedido, em termos de interesses da nação, em qualquer cargo público, desde que abrigado sob a liderança de alguém disposto a executar projetos independentes, que atendessem às reais aspirações populares.

Esse é o problema de FHC. Um político respeitável, mas que não foge à regra do princípio de Peter, o educador canadense Lawrence Peter, segundo o qual todas as pessoas têm um limite de competência. O exercício de um cargo além desse limite oferece, pois, alto risco de malogro. No plano da política, significa isso a perspectiva de fracasso dos progra-

mas e objetivos que a comunidade nacional espera de um presidente, eleito em função dos êxitos alcançados quando ministro.

Sob esse aspecto, FHC enquadra-se noutra previsão sombria, a do professor americano James Waldroop, de Harvard, feita à *Veja* (6/6/2001), sobre pessoas fadadas ao insucesso: as que sempre culpam os outros por seus problemas.

Mas o fracasso de FHC é relativo. Ao impacto do apagão, — um vexame nacional — vê-se, à luz dos valores da globalização imposta pelo FMI, que suas políticas econômicas, no conjunto, são melhores para o mundo rico e forte do que para o Brasil pobre e fraco. É isso. Mesmo quando falham, as leis de Peter e Waldroop servem a terceiros. Daí dizerem que FHC na Presidência, — como no ministério Itamar —, não é ruim. Hoje, no entanto, principalmente para estrangeiros.